

“PROCURO TIRAR O TAPETE DEBAIXO DOS PÉS”

O ESCRITOR APRESENTA UMA “RAPARIGA ESQUISITA” DOS CONFINES DA ISLÂNDIA, NUM ROMANCE EM QUE SE COME TUBARÃO PODRE

E

no gelo da Islândia que decorre ‘A Desumanização’, romance que Valter Hugo Mãe descreve como “violentamente poético ou poeticamente violento”.

Está preparado para que toda a gente lhe pergunte por que escreveu um livro sobre uma menina que vive numa parte inóspita da Islândia?

A minha perceção é demasiado pessoal e substancialmente intransmissível. Em todos os romances procuro retirar o tapete debaixo dos pés.

Compreende que a Islândia vá criar curiosidade?

Compreendo que queiram saber o que me interessa: a cabeça das crianças-meninas. As mulheres, desde logo, e as crianças, ainda que meninas, encontram coisas que os homens não encontrariam, pensariam e sentiriam. Gostei de conhecer esta rapariga esquisita, meio atrapalhada, entre a espiritualidade e o bicho do corpo. Mas também muito honesta.

‘A Desumanização’ apresenta a própria Islândia como uma personagem. Ficou a conhecer assim tão bem aquela ilha e as suas pessoas?

Interessa-me mais escrever intuindo do que fazendo reportagem. Mas estive lá quatro vezes, olhei para as pessoas e fiz por percebê-las. Estou convencido de que é um reduto de mistério, grandemente inexplicável para todas as almas do Mundo. Talvez até para os islandeses.

“As mulheres, desde logo, e as crianças, ainda que meninas, encontram coisas que os homens não encontrariam”

“A minha necessidade enquanto escritor passa por fazer o que não fiz e tentar aquilo que não tentei até agora”

Começou a escrever este romance antes de lá ir?

O livro começou na primeira vez que lá fui, mas quando viajei, há dois anos, tinha a perceção de que escreveria sobre uma rapariga. À medida que lá ia, afinava o livro.

Sente necessidade de ser um escritor mais universal?

Queria perceber até que ponto me era possível fazer uma coisa dessas. Quando ganhei o Prémio Saramago, com ‘O Remorso de Baltazar Serapião’, muita gente pensava que faria uma série de livros sobre a Idade Média. Não tenho paciência para sequelas. A minha necessidade enquanto escritor passa por fazer o que não fiz e tentar aquilo que não tentei até agora.

Já algum islandês leu ‘A Desumanização’?

Foi enviado à consulesa da Islândia, que ficou encantadíssima. ►



O ESCRITOR, QUE NASCEU EM ANGOLA, EM 1971, VIVE ATUALMENTE EM VILA DO CONDE



AUTOR ESTEVE QUATRO VEZES NA ISLÂNDIA

► O romance tem muitas palavras islandesas que designam costumes e gastronomia, sem notas de rodapé a explicá-las. É um desafio aos leitores?

Se num dos meus romances anteriores referisse arroz de cabidela, não colocaria uma nota de rodapé. Quando digo que estamos a comer hákari, que é tubarão podre, ou a beber brennivín, quem não souber que é uma aguardente islandesa horrível, não sabe. Mas fica a saber que bebem aquilo festivamente, para acompanhar o tubarão podre. É uma combinação simplesmente bombástica.

Tal como sucedeu a milhares de portugueses, a sua imaginação decidiu emigrar?

Fui de viagem, não emigrei. Escrever sobre a Islândia foi estar em viagem. Mais do que o tempo de lá estar fisicamente, pois os dois anos e meio de maturação do livro foram uma forma de não estar exatamente aqui.

Mesmo fisicamente. Acabou de escrevê-lo na Croácia...

Precisei de sair daqui um bocadinho, de encontrar um espaço onde não me conhecessem e não me assediassem para sair, para apresentar livros, prefaciá-los e cumprimentar gente que casa

“Se num dos meus romances anteriores referisse arroz de cabidela, não colocaria uma nota de rodapé”

“Fui de viagem, não emigrei. Escrever sobre a Islândia foi estar em viagem”

e gente que faz anos. É mais fácil entenderem que não é possível se estivermos fora daqui.

No início de ‘A Desumanização’ descobrimos uma menina que perdeu a irmã gémea, está a minuar e já é tratada por “a menos morta”. É um livro dominado pela morte?

É um livro em que procuro entender uma certa dimensão espiritual. Ainda que mencione Deus e a força criadora, atira as culpas e as razões, as justificações e os objetivos, à Natureza, enquanto elemento pensante e decisor. Como se fosse a própria Islândia a decidir quem nasce e quem morre.

Também acredita, como se lê no romance, que Deus “certamente bocejaria se assistisse ao espetáculo pequenino das nossas vidas”?

Se Deus existir, vai pensar em nós como um bicharoco ridículo, convencido de muitos talentos, mas absolutamente tosco. Não conseguimos criar a complexidade das montanhas ou dos fiordes. A única coisa que podemos fazer é destruir.

Provavelmente, alguns dirão que ‘A Desumanização’ é um livro muito poético, e outros dirão que é muito violento. Podem estar todos certos?

Podem. É violentamente poético ou poeticamente violento.

Partilha com os leitores que teve um irmão, Casimiro, falecido quando nasceu, mas que habitou a sua imaginação na infância. Essa perda e essa ausência é a seiva que fez nascer ‘A Desumanização’?

O livro não veio daí, mas foi ao encontro de. A percepção que tive dos sentimentos da Halla teve a ver com a minha infância. A única coisa que a contaminava de terror era o facto de o meu irmão ter morrido com um ano. Tinha uns quatro ou cinco anos quando me apercebi, e pensei que, se ele tinha morrido mais novo, também eu poderia morrer. O livro acabou por ir ao en-



MORTE DO IRMÃO CASIMIRO MARCOU A SUA INFÂNCIA

contro da lembrança estranha do que é ser criança e não se viver a plenitude da infância. É o que acontece à miúda, sempre a ser obrigada a envelhecer.

A Halla engravida antes de ter seios de mulher...

A criança grávida, como as pessoas dizem no livro. Tem a ver com a ultrapassagem dos tempos naturais, daquilo que faz sentido em cada etapa.

Ela não acredita que haja mortos burros. Concorda?

Se isto estiver inventado com transcendência incluída, o para lá da vida terrestre tem de ser absolutamente incrível. Não fa-

“Se Deus existir, vai pensar em nós como um bicharoco ridículo, convencido de muitos talentos”

“Fui lá, rezei, voltei a rezar à noite, e de manhã acordei curado”

ria sentido que aqui fosse melhor e que o lado de lá não tenha recolhido informação bastante dolado de cá e não a distribua de um modo mais justo.

Ao ponto de os mortos serem omniscientes?

Ainda não estou convencido se acredito ou não. Se acreditar, vou acreditar que morremos e constituímos uma massa pensante. Cada coisa que um de nós souber, ou tiver aprendido, será ciência e conhecimento dessa energia. Absoluta, mas não infalível. Só tão sábia quanto o cúmulo de nós todos.

Passar a barreira dos 40 anos

mudou alguma coisa nas suas crenças e na sua escrita?

A nível das crenças, muito. Aos sete anos, era uma criança muito atazanada com os cravos nas mãos. Uma tia convenceu a minha mãe a levar-me a uma pequena capela consagrada a São Bento, nos arredores de Guimarães. Fui lá, rezei, voltei a rezar à noite, e de manhã acordei curado. Durante algum tempo pensei que iria para padre, pois tinha todas as razões para acreditar em algo. Mas tive um fim de adolescência muito herético e rejeitei liminarmente a existência de ►



VAI ENTRAR NO NOVO FILME DO AUTOR DE 'JOSÉ E PILAR'

► Deus. Aos 40 anos, deu-me para regressar à capela. Assumi a minha ingratidão.

Acha que suportaríamos um Mundo com provas diárias da existência de Deus?

Pelos vistos, sim. Podemos ser nabos o suficiente para sermos curados, e continuarmos como se nada fosse. Fui agradecer, e como não sei se Deus existe e se

São Bento é consciente, fui ao lugar. Talvez a natureza daquelas pedras me tenha ajudado. Resolvi ser um pouco mais grato com as coisas inexplicáveis.


Vai entrar em 'O Sentido da Vida', filme de Miguel Gonçalves Mendes. O que se pode esperar?

O Miguel fez com o Saramago e com a Pilar [del Río] um monu-

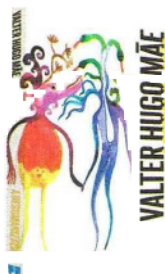
"A possibilidade de escrever livros, e de os livros pagarem as contas, é o cumprimento absoluto de um sonho"

mento cinematográfico [o filme 'José e Pilar']. Quando ele me convidou, medi-me dos pés à cabeça, e assustei-me, porque pensei como é que ele poderia encontrar um monumento em redor da minha vida... Pacificou-me saber que o filme será feito em torno de sete figuras, pelo que sou apenas a sétima parte do monumento.

E o que sente quando o apontam como o melhor escritor português da atualidade?

Fico muito grato, tento entender porquê e abro logo exceções. Não sei se a motivação do Prémio Saramago, e do Nobel que ele recebeu, levou a que os autores exigissem mais de si próprios. A minha vida não é tão fácil assim, e vivo rodeado de problemas, mas ter a possibilidade de escrever livros, e de os livros pagarem as contas, é o cumprimento absoluto de um sonho. 

Gêmea "menos morta" dá provas de vida



Descobrir Bildudalur, localidade islandesa enclavada em montanhas que o mar tenta invadir, com 140 habitantes isolados no inverno, inspirou Valter Hugo Mãe a contar a história de Halla, uma menina de 12 anos que viu morrer a

irmã gêmea e começou a definhar, ao ponto de lhe chamarem "a menos morta". Até ao final de 'A Desumanização' (Porto Editora) dará sucessivas provas de vida, capazes de chocar os leitores do benévolo 'O Filho de Mil Homens'.

@ Ler mais em www.cmjornal.pt